

7º Seminário de Graduação e Pós-Graduação em Relações Internacionais da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI).

12, 13 e 14 de dezembro de 2024 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS)

Área temática: Segurança Internacional, Estudos Estratégicos e Política de Defesa

Título do trabalho:

A REGIÃO DO SAHEL E A SEGURANÇA INTERNACIONAL: IMPACTO DO BOKO HARAM NA AGENDA DE SEGURANÇA INTERNACIONAL

Luis Carlos Mida Nhaslambé – Mestrando em Relações Internacionais, Universidade Federal da Santa Catarina- UFSC

Iqui Djú – Mestrando em Relações Internacionais, Universidade de Brasília – UNB

Jacque Mário Almeida Ié - Mestrando em Relações Internacionais, Universidade Federal ABC- São Paulo

Resumo Expandido:

A segurança internacional enfrenta um cenário cada vez mais desafiador, particularmente na região do Sahel, uma faixa geográfica situada entre o deserto do Saara e a savana tropical, que engloba países como Mali, Níger, Chade, Mauritânia, Burkina Faso e partes da Nigéria. O Sahel é marcado por uma instabilidade política e social profunda, em grande parte devido à fragilidade das instituições estatais e à prevalência de grupos extremistas, como o Boko Haram, cuja atuação impacta negativamente a segurança regional e internacional. Fundado em 2002 na Nigéria, o Boko Haram é um grupo terrorista que se alimenta da desigualdade socioeconômica, da corrupção endêmica e das tensões religiosas da região, tornando-se um desafio para os Estados da África Ocidental e para a comunidade internacional como um todo. O principal objetivo desta pesquisa é analisar o impacto do Boko Haram na segurança internacional, com foco na região do Sahel. Através de uma revisão da literatura acadêmica, análise de relatórios de organizações internacionais e observação empírica de eventos recentes, este estudo explora as causas estruturais e dinâmicas que favorecem a presença e expansão do grupo. O Boko Haram aproveita a fragilidade dos Estados na região, que enfrentam sérias limitações em prover segurança e desenvolvimento sustentável para suas populações.

Como Galito (2013) observa, o terrorismo contemporâneo é caracterizado pela violência física e psicológica contra civis, com o objetivo de disseminar o medo e alcançar fins políticos. As raízes do Boko Haram estão diretamente ligadas a problemas como a corrupção, a discriminação e a má governança, que contribuem para o surgimento de ideologias extremistas, como o fundamentalismo islâmico. No caso do Boko Haram, seu objetivo é transformar a Nigéria em um Estado islâmico, promovendo uma visão radical da religião muçulmana e rejeitando a educação e a civilização ocidental. Isso é exemplificado pelo significado do nome do grupo: "Boko Haram", que traduzido do Hausa e Árabe significa "educação ocidental é pecado".

O surgimento do Boko Haram também pode ser atribuído à fragilidade do Estado nigeriano, cujos problemas estão enraizados em seu passado colonial, conflitos regionais e étnico-religiosos, bem como na pobreza da população e na corrupção das elites. A região norte da Nigéria, predominantemente muçulmana, tem sido palco de uma crescente radicalização, exacerbada pela implementação da Sharia em alguns estados e pelas tensões entre muçulmanos e cristãos. A insatisfação com o governo e a falta de respostas efetivas às questões sociais e econômicas têm levado muitos a se alistar no Boko Haram, ampliando a violência na região.

O impacto do Boko Haram vai além da Nigéria, afetando os países vizinhos, como o Níger, Camarões e Chade. Em 2021, a região do Sahel foi responsável por 35% das mortes globais por terrorismo, um aumento drástico em relação a 1% em 2007 (Institute for Economics & Peace, 2022). Além disso, o Boko Haram se conecta com outros grupos jihadistas internacionais, como o Al-Qaeda, Ansar Dine e Al-Shabaab, ampliando seu alcance e suas operações terroristas, como ataques em Agadez, Níger, e nos países vizinhos.

As respostas ao Boko Haram têm sido fragmentadas e limitadas. A Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) tem tentado coordenar esforços de combate ao terrorismo, mas sua eficácia tem sido questionada devido à falta de uma estratégia unificada entre os países da região. Além disso, a atuação militar do governo nigeriano tem sido alvo de críticas por violar direitos humanos, com alegações de brutalidade e execução extrajudicial. A colaboração internacional, especialmente com potências como os Estados Unidos e a França, tem sido essencial, mas o combate ao Boko Haram ainda carece de uma abordagem mais coordenada e eficaz.

O Boko Haram, mais do que um grupo extremista religioso, é o reflexo de uma rede de problemas estruturais e sociais que afetam a região do Sahel. A sua ação terrorista é alimentada pela pobreza, corrupção, má governança e discriminação, fatores que precisam ser abordados de forma integrada e política. A falta de uma resposta coordenada entre os países do Sahel tem facilitado a perpetuação do terrorismo, tornando a solução mais complexa. A CEDEAO desempenha um papel importante, mas sua atuação precisa ser mais eficaz, com uma maior cooperação entre os países da região e um apoio internacional substancial. Apenas com uma abordagem política e multilateral será possível restaurar a paz e segurança no Sahel, garantindo o desenvolvimento sustentável e a proteção dos direitos humanos.

O estudo revela a urgência de um esforço conjunto para enfrentar os desafios de segurança no Sahel, não apenas com ações militares, mas com um compromisso político e institucional que envolva os Estados locais, regionais e globais, assegurando uma estratégia holística e duradoura.

Palavras-Chave: Boko Haram, Sahel, Segurança Internacional, Jihadismo, ECOWAS, Nigéria.

Introdução

O contexto global de segurança internacional se mostra cada vez mais desafiador, especialmente na região do Sahel, uma faixa geográfica marcada por profundas vulnerabilidades políticas, econômicas e sociais. Esse território, que se estende do Senegal ao Sudão, enfrenta uma série de ameaças à estabilidade, incluindo grupos terroristas como o Boko Haram. Fundado em 2002 na Nigéria, o Boko Haram emergiu em meio a um ambiente de desigualdade socioeconômica, corrupção endêmica e tensões religiosas, fatores que fomentaram um terreno fértil para a propagação de ideologias extremistas. A análise dessa conjuntura, à luz da atuação do Boko Haram e suas repercussões na segurança internacional, revela a complexidade dos desafios enfrentados não apenas pelos Estados da região, mas também por organismos regionais como a CEDEAO e por atores globais.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o impacto do grupo terrorista Boko Haram na segurança internacional, com foco na região do Sahel. A metodologia empregada compreende revisão da literatura acadêmica, análise de relatórios de organizações internacionais e observação empírica de eventos recentes relacionados ao grupo. A pesquisa se debruça sobre as causas estruturais e dinâmicas que fomentam a presença e expansão do Boko Haram, considerando a fragilidade dos Estados no Sahel e suas limitações em prover segurança e desenvolvimento econômico sustentável para suas populações.

Conforme Galito (2013), o terrorismo contemporâneo caracteriza-se pela violência física ou psicológica contra civis, com o objetivo de disseminar o medo e alcançar fins políticos. As raízes do Boko Haram encontram-se associadas a problemas crônicos como corrupção, discriminação e má governança, que propiciam o surgimento de ideologias extremistas. Corroborando essa análise, Santos e Parada (TV PUC-Rio, 2015) destacam a corrupção e a discriminação como fatores que contribuem para o surgimento de grupos terroristas

Boko Haram e a Fragilidade Estrutural da Nigéria: Desafios e Repercussões na Segurança Regional

O terrorismo pode ter suas bases em diferentes aspectos, mas os comuns que se apresenta são: políticos, ideológicos e religiosos, embora Galito acrescentou outro elemento que é econômico (GALITO, 2013, p. 17). De acordo com esse autor, o terrorismo, frequentemente, inclui violência física ou psicológica direcionada a alvos não combatentes,

sejam eles escolhidos de forma específica ou aleatória. Este tipo de violência é utilizado como um meio para instalar medo em uma população, governo ou Estado. No entanto, a definição de terrorismo é controversa e amplamente discutida (GALITO, 2013). Na Resolução nº 1566 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), o terrorismo é definido como:

“... atos criminosos, incluindo contra civis, cometidos com a intenção de causar morte ou ferimentos corporais graves, ou a tomada de reféns, com o propósito de provocar um estado de terror no público em geral ou num grupo de pessoas ou em determinadas pessoas, intimidar uma população ou obrigar um governo ou uma organização internacional a fazer ou a abster-se de fazer qualquer ato, e todos os outros atos que constituem delitos no âmbito e conforme definidos nas convenções e protocolos internacionais relativos ao terrorismo, não são, em circunstância alguma, justificáveis por considerações de natureza política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou outra natureza semelhante, e apela a todos os Estados para que impeçam tais atos e, se não forem impedidos, que garantam que tais atos sejam punidos com penas consistentes com a sua natureza grave” (NAÇÕES UNIDAS, 2004).

A origem do Boko Haram pode ser compreendida a partir de aspectos que favorecem o fundamentalismo. Em diálogo com as reflexões dos professores Alexandre dos Santos e Maurício Parada (TV PUC-Rio, 2015), percebemos que a corrupção generalizada e a discriminação são elementos que podem alimentar o surgimento de grupos fundamentalistas e terroristas, como sugere Santos.

Parada, por sua vez, problematiza a utilização dos termos 'terrorismo' e 'grupos terroristas', argumentando que suas ações também podem ser compreendidas como um mecanismo de ação política. Ele questiona se a denominação 'terrorismo' alteraria a forma como essas ações se manifestam nas relações humanas. Essa reflexão é relevante na medida em que nos convida a adotar uma perspectiva mais ampla e complexa ao analisar esses fenômenos. O caso do Boko Haram é um exemplo emblemático dessa complexidade e merece nossa atenção.

“O Sahel é caracterizado por estados fracos e falidos que são incapazes de fornecer segurança e redistribuição econômica para seus cidadãos, o que, por sua vez, levou à promoção de todos os tipos de atividades econômicas ilegais” (LOUNNAS2018). Por isso, o terrorismo ganha espaço cada vez mais na região. A faixa do Sahel atravessa vários países africanos, nomeadamente Argélia, Burkina Faso, Camarões, Chade, Djibouti, Etiópia, Eritreia, Gâmbia, Mali, Nigéria, Níger, Mauritânia, Senegal, Sudão, Sudão do Sul e Somália. Em 2021, a região do Sahel foi responsável por 35% das mortes globais por terrorismo, uma diferença enorme em relação a 1% registrado em 2007 (INSTITUTE FOR ECONOMICS & PEACE, 2022, p. 4). Isso mostra como o terrorismo aumentou ao longo dos anos e se tornou uma preocupação não apenas para os países do Sahel, mas também uma questão de relevância

internacional, especialmente para os Estados Unidos e a França. Os Estados Unidos e a França mantinham bases de combate ao terrorismo em Agadez, no Níger, na África Ocidental.

Entretanto, Cierco e Belo (2016) atribuem o surgimento do Boko Haram ao fracasso do estado de Nigéria, mostrando que a fraqueza do Estado nigeriano está ligada ao seu passado colonial e à sua história de conflitos regionais e étnico-religiosos, além da pobreza da população, má governança, corrupção das elites, degradação ambiental, infraestrutura subdesenvolvida, criminalidade e instabilidade política. Esta combinação de fatores tem levado à formação de grupos de cidadãos insatisfeitos que buscam alternativas ao Estado, resultando na adesão ao Boko Haram.

Com isso, os problemas étnico/religiosos surgiram por causa discórdias entre muçulmanos (predominantemente no Norte do país) e cristãos (na zona Sul), que ganhou proporção maior em 1999, quando da implementação da Sharia em alguns Estado, violando os princípios de Estado laico nigeriano (PALADINI, p. 2, 2014). Os fundamentalistas que se identificam com a religião muçulmana, revoltados, provocaram violências e tiveram como objetivo a criação de um grupo oposto ao poder do governo federal.

Mohammed Yusuf foi é o fundador do Boko Haram. O Boko Haram surgiu no norte da Nigéria, em Maiduguri, no Estado. Yusuf recebeu educação corânica no Chade e na República do Níger. Ele negava a educação ocidental e a civilização, e a chamava de “taqut” que significa mal (SALAAM, 2013). Boko significa educação ocidental na língua Hausa e “Haram” significa “pecado” em Árabe. Portanto, o Boko Haram significa “educação ocidental é sacrilégio”, ou seja, “educação ocidental é pecado”. Para Mantzikos, o Boko Haram significa “civilização ocidental é pecado” (MANTZIKOS, 2013).

Liderado no início por Mohamed Yusuf, Boko Haram passou a ser chamado de Talibã nigeriano em 2003. Em 2009, após a morte do líder, Abubakar Shekau assumiu a liderança do grupo e aumenta sua capacidade, estabelecendo ligações com Al-Qaeda e outros grupos Jihadistas, tais como o Ansar Dine do Mali e o Al-Shabaab da Somália (MANTZIKOS, 2013). Entretanto, só em 2013 o grupo passou a ser denominado como grupo terrorista pela comunidade internacional (PALADINI, 2014, p. 2).

Pensando as repercussões internacionais de ações de terror no mundo e seu impacto para diversas regiões, o ataque de 11 de setembro de 2001 fez com que Al-Qaeda ganhasse uma certa visibilidade. Essa notoriedade de Al-Qaeda incitou e influenciou em todo mundo os grupos radicais islâmicos. Além disso, na Nigéria, surgiu uma nova visão de terrorismo que tem intensão de transformar a Nigéria num país islâmico. Portanto, esse acontecimento pode ser um importante elemento no seio dos grupos radicais do país, no qual Boko Haram tem mais destaque atualmente. (PALADINI, 2014, p. 2).

Os objetivos de Boko Haram podem ser percebidos como deixar os seus inimigos em constante situação de medo. Porque, como analisa os professores Alexandre dos Santos e Maurício Parada (2015), os grupos terroristas não têm um objetivo traçado para médio prazo. Mas, pelas manifestações ideológicas e religioso-políticas do grupo, percebe-se que um de seus objetivos é criar um estado islâmico na Nigéria, com alegação de que isso resolveria os problemas crônicos da corrupção do Estado nigeriano.

Tendo estrangeiros de países ocidentais, os cristãos e instituições de Estado como suas vítimas. Boko Haram usa modus operandi de ações tão desumanas para lograr seus objetivos. Raptos, sequestros, explosões de sedes do governo, explosões de bombas nos espaços de grande aglomeração como as Igrejas, ônibus, universidades, bares e escolas são frequentes na região.

No entanto, em abril de 2014, o Boko Haram sequestrou mais de 200 meninas; em julho do mesmo ano, apoiou o Estado Islâmico nos ataques em Camarões, Níger e Chade; e, em agosto do mesmo ano, dominou a cidade de Buni Yadi, onde proclamou um califado (PALADINI, 2014, p. 2). O Boko Haram entrou na agenda mundial em agosto de 2011, quando bombardeou o edifício das Nações Unidas em Abuja, matando 23 pessoas e deixando dezenas de feridos. O grupo buscou aliados em outros movimentos jihadistas globais na região do Sahel (WALKER, 2012).

As ações terroristas do Boko Haram têm maior concentração nos países da África Ocidental. Essa região enfrenta grandes desafios no que concerne à questão da paz e segurança. Não apenas o crime organizado e o extremismo dos terroristas fazem parte dos desafios, mas também as instabilidades políticas dos Estados, as situações de violência contra os direitos humanos e as crises humanitárias — algumas provocadas por ações terroristas e outras por mudanças climáticas — resultando em grandes deslocamentos populacionais, além de pobreza e fome.

Segundo Lounnas (2018), as atividades criminosas ilegais de organizações jihadistas no Sahel incluem tráfico de seres humanos, tráfico de drogas, tráfico de armas, sendo o sequestro a principal fonte de receita. Os governos do Estado da Nigéria têm trabalhado para conter as ações terroristas do grupo fundamentalista Boko Haram, mas, devido a fatores estruturais, o grupo continua a ganhar notoriedade por sua letalidade.

A violência na região do Lago Chade espalha-se por quatro países: Chade, Níger, Nigéria e Camarões (NAÇÕES UNIDAS, 2023). Segundo dados da ONU, em 2016, a violência praticada pelo Boko Haram na região da Bacia do Lago Chade causou o deslocamento de aproximadamente 2,8 milhões de pessoas, e cerca de 5,6 milhões estavam em situação de emergência, necessitando de ajuda alimentar (BLANCHARD, 2016, p. 4).

O governo federal estabeleceu uma força especial com características militares em Maiduguri, no estado de Borno, composta por membros do Exército, Marinha, Força Aérea, Departamento de Segurança do Estado e Polícia nigeriana, visando otimizar recursos e melhorar a troca de informações entre os serviços de segurança. Conforme A. J. Omede (2011), cerca de 30.000 militares e policiais foram deslocados para a região para reforçar e controlar o "estado de emergência" decretado e combater o Boko Haram. O governo também fechou as fronteiras entre o norte da Nigéria e os estados vizinhos para evitar que membros do grupo fugissem para países vizinhos e recebessem apoio de grupos jihadistas estrangeiros operando na região. No entanto, devido à extensão das fronteiras, a capacidade do governo nigeriano tem sido limitada para enfrentar as ações do grupo (CIERO; BELO, 2016)

Em vias de considerações finais, percebemos que, como argumenta o professor Maurício Parada (TV PUC-Rio, 2015), o problema do terrorismo não é necessariamente uma guerra entre o mundo oriental e o ocidental, mas sim conflitos de diversas naturezas que envolvem os interesses desses mundos. No entanto, na mídia internacional, a questão da segurança internacional chama mais atenção em regiões com grande poder econômico e político, capazes de influenciar as dinâmicas de decisão política na comunidade internacional. Isso é um fato perceptível na prática, como nos casos de assassinatos na Nigéria em comparação com casos semelhantes na França. Nos primeiros, as repercussões na mídia como fenômeno de interesse internacional são quase nulas. Já nos segundos, as informações, mesmo que locais, sempre são veiculadas de forma a chamar a atenção de todos os responsáveis pela garantia da segurança internacional. Assim, percebe-se o motivo da demora de poderosos atores internacionais em considerar os atos de terror no continente africano como questões relevantes para mobilizar discussões que visem atenuar as possíveis e graves consequências nas interações interestatais.

Há fracasso entre os países do Sahel em coordenar ações para combater o terrorismo na região. A iniciativa unilateral do Mali, em 2021, de recrutar mercenários russos (o grupo chamado Wagner) para combater o terrorismo na região deveria ter sido uma ação coordenada com os países da região, juntamente com o apoio da ECOWAS/CEDEAO, que é a organização regional sempre preocupada com a segurança da área. As ações do governo nigeriano contra o Boko Haram têm sido constantemente brutais e contraproducentes (WALKER, 2012). As forças de segurança nigerianas usaram brutalidade no combate ao terrorismo (CIERCO e BELO, 2016) e, de acordo com Oarhe (2013, p. 66), a Força-Tarefa Conjunta foi acusada e criticada por violar gravemente os direitos humanos, praticando assassinatos em massa e execuções extrajudiciais.

A falta de coordenação sempre levará a região ao colapso em termos de segurança. O problema de segurança na região do Sahel não é um problema apenas militar nem econômico, mas sim político, e requer uma solução por meio de uma abordagem política, com um processo inclusivo em que a comunidade internacional possa apoiar as iniciativas e esforços regionais e locais no combate ao terrorismo. É necessária a cooperação entre os países do Sahel e a intervenção ativa da CEDEAO para restabelecer a segurança e a paz na região. De forma geral, o objetivo da CEDEAO é unir a África Ocidental para promover o desenvolvimento, a paz e a segurança na região. Para que isso ocorra, é fundamental que a segurança seja garantida, pois é um elemento essencial para um Estado e seus cidadãos. Sem ela, é impossível concretizar plenamente a visão da CEDEAO de uma “África sem fronteiras”, com um ambiente sustentável, financeiramente autônomo e favorável ao desenvolvimento próspero.

Por outro lado, as nossas críticas se voltam para as limitações da reação da CEDEAO contra as ações terroristas. De acordo com Santos (2014, p. 4), “a CEDEAO não estagnou no que diz respeito à evolução de seu arcabouço institucional”. Ela é uma organização que possui o Sistema de Vigilância Multilateral (ECOMAC) e o Grupo Intergovernamental de Ação contra o Branqueamento de Capitais e Financiamento do Terrorismo (GIABA). Esses dois grupos são fundamentais para a atuação e coordenação de mecanismos políticos no combate às ações terroristas, privando-os de seus modos operandi e de obtenção de recursos.

Consideração Finais

O problema do terrorismo, especialmente no contexto do Sahel, não pode ser reduzido a um conflito simplista entre o Oriente e o Ocidente, mas envolve uma rede complexa de fatores e interesses que se entrelaçam em várias dimensões. O Boko Haram, por exemplo, não é apenas uma manifestação de extremismo religioso, mas também é alimentado por desigualdades econômicas, falhas na governança e pela crescente marginalização de partes da população no espaço geopolítico e social. Esses fatores complexos fazem do terrorismo uma ameaça multifacetada que transcende fronteiras regionais e exige soluções igualmente abrangentes.

A falta de coordenação entre os países do Sahel tem se mostrado um obstáculo significativo para enfrentar eficazmente o terrorismo na região. Cada Estado enfrenta seus próprios desafios internos e, frequentemente, as respostas são fragmentadas, sem uma abordagem conjunta que leve em consideração as interconexões políticas e sociais que

permeiam a região. A ausência de uma estratégia unificada entre os países do Sahel resulta em lacunas que grupos como o Boko Haram e outros atores jihadistas podem explorar, perpetuando a instabilidade e o sofrimento da população local.

Dentro desse cenário, a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) desempenha um papel crucial, sendo uma organização regional de extrema importância. No entanto, a eficácia da CEDEAO no combate ao terrorismo tem sido limitada. Para garantir uma resposta mais robusta, a organização precisa aprimorar seus mecanismos de segurança e promover uma atuação mais proativa. Isso implica não só fortalecer suas estruturas de inteligência e operações militares, mas também integrar mais profundamente os países da região, promovendo maior cooperação e colaboração em questões de segurança, governança e justiça social.

É imprescindível que a cooperação entre os países do Sahel seja uma prioridade estratégica, com uma coordenação mais eficaz nas áreas de segurança, diplomacia e desenvolvimento. O combate ao terrorismo não pode ser realizado de forma isolada, mas exige uma união sólida entre os países, com compartilhamento de informações, recursos e experiências. Além disso, deve-se investir no treinamento contínuo das forças de segurança e inteligência, promovendo capacitação técnica e institucional que permita a esses países responder de forma eficiente às ameaças terroristas e ao crime organizado. A troca de conhecimento entre os Estados e a criação de estratégias regionais integradas são fundamentais para a construção de uma segurança duradoura.

Além das iniciativas regionais, o apoio da comunidade internacional é essencial. A cooperação com organizações globais, como as Nações Unidas e a União Africana, bem como com países que possuem mais recursos e expertise, pode fortalecer a resposta ao terrorismo na região. Isso inclui, não apenas o apoio militar, mas também o financiamento para programas de desenvolvimento sustentável e a implementação de políticas públicas que abordem as causas profundas do terrorismo, como a pobreza, a exclusão social e a falta de educação.

Uma abordagem política inclusiva é crucial para enfrentar a ameaça do terrorismo. Isso envolve a criação de políticas que promovam a inclusão social e econômica, garantindo que todas as comunidades, especialmente as mais vulneráveis, tenham acesso a oportunidades e direitos iguais. A estabilidade na África Ocidental não se constrói apenas com força militar, mas com uma rede de ações políticas que priorizem o bem-estar dos cidadãos, a justiça social e o fortalecimento das instituições democráticas.

Portanto, a luta contra o terrorismo no Sahel exige um compromisso contínuo e coletivo, tanto a nível regional quanto internacional. A construção de uma paz duradoura na

região depende da capacidade dos países do Sahel de trabalharem juntos, e da força da CEDEAO em liderar esse processo com o apoio de parceiros globais. Somente por meio de uma cooperação eficaz e uma abordagem multifacetada, que inclua tanto a segurança quanto o desenvolvimento econômico e social, será possível enfrentar os desafios impostos pelo terrorismo e alcançar a estabilidade desejada para a região.

Referências

BLANCHARD, Lauren Ploch. Nigeria's Boko Haram: Frequently Asked Questions. **Congressional Research Service**, March 29, 2016.

GALITO, M. S. **Terrorismo: Conceitualização do fenômeno**. Working Papers CEaA, WP 117 /2013.

INSTITUTE FOR ECONOMICS & PEACE. Global Terrorism Index 2022: Measuring the Impact of Terrorism, Sydney, March 2022. Available from: Disponível em: <<http://visionofhumanity.org/resources>>. Acesso em 01 ago. 2024.

LOUNNAS, Djallil. **The Links Between Jihadi Organizations And Illegal Trafficking In The Sahel**. MENARA Working Papers No. 25, November 2018.

MANTZIKOS, Ioannis. Boko Haram Anatomy of a Crisis. E-International Relations (Bristol, UK), 2013. Disponível em: www.e-IR.info.

NAÇÕES UNIDAS. Conselho de Segurança das Nações Unidas. Resolução nº 1566. Nova Iorque: Nações Unidas, 2004. Disponível em: <<https://press.un.org/en/2004/sc8214.doc.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

OARHE, Osumah. Responses of the Nigerian Defense and Intelligence Establishments to the Challenge of Boko Haram. In: MANTZIKOS, Ioannis. **Boko Haram Anatomy of a Crisis**. E-International Relations (Bristol, UK), 2013.

SALAAM, Abee. The Psychological Make-up of 'Muhammad Yusuf'. In: MANTZIKOS, Ioannis. Boko Haram Anatomy of a Crisis. E-International Relations (Bristol, UK), 2013.

SANTOS, Celso Medina. **Integração Regional e Desenvolvimento: O Caso da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO)**, Instituto de RI, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, USP, 2014.

CIERCO, Teresa; BELO, António. Será a Nigéria um Estado falhado? O grupo Boko Haram. **Revista Brasileira de Ciência Política**, no 21. Brasília, setembro - dezembro de 2016, pp 121-146.

Berço do Boko Haram, a África virou um continente ameaçado também pelo terror. **TV PUC-Rio**, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D6fw5yCvAkg> Acesso em 12 de jul. 2024.

UNITED NATIONS. UN convenes Lake Chad countries, amid growing regional crisis. United Nations, 23 January 2023. Disponível em: <<https://news.un.org/en/story/2023/01/1132742>>. Acesso em: 22 jul. 2024.

WALKER, Andrew. Special Report. What Is Boko Haram? **United States Institute of Peace**, Washington, jun. 2012. Disponível em: <https://www.usip.org/publications/2012/05/what-boko-haram>. Acesso em: 5 jan. 2021.